

## C. S. Lewis: ficção científica contra o cientificismo

Paulo Cruz<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa apresentar a crítica de Clive Staples Lewis ao racionalismo e ao cientificismo – teorias amplamente divulgadas e defendidas em histórias de ficção científica, sobretudo pelo escritor H. G. Wells, no final do séc. XIX e início do XX – utilizando como ferramenta sua própria obra de ficção científica *Além do Planeta Silencioso*, primeiro livro de sua chamada *Trilogia Cósmica*.

**Palavras Chave:** C. S. Lewis, H. G. Wells, ficção científica, cientificismo, evolucionismo, racionalismo, cristianismo, Imaginação Moral, Trilogia Cósmica, Trilogia de Ransom, Além do Planeta Silencioso.

**Abstract:** This paper presents Clive Staples Lewis's (C. S. Lewis) critics to rationalism and scientism – theories widely disseminated and defended in science fiction stories, especially by H. G. Wells at the end of the nineteenth and early twentieth centuries – using his own work of science-fiction *Out of the Silent Planet*, the first book of his Cosmic Trilogy.

**Keywords:** C. S. Lewis, H. G. Wells, science-fiction, scientism, evolutionism, rationalism, Christianity, Moral Imagination, Cosmic Trilogy, Ransom Trilogy, Out of the Silent Planet.

*Se vocês fossem súditos de Maleldil,  
teriam paz. (Oyarsa de Malacandra)*

Clive Staples Lewis (1898 – 1962) – C. S. Lewis – foi um dos mais importantes intelectuais do séc. XX. Teve sua formação intelectual profundamente influenciada pela literatura imaginativa de sua infância e juventude, fato reconhecido publicamente pelo próprio em carta à Milton Society of America, em 1954: “[Em todos os meus livros] há um fio condutor. O homem imaginativo em mim é mais velho, mais continuamente operativo e, nesse sentido, mais básico que o escritor religioso ou o crítico.”<sup>2</sup>. Inclusive, foi essa mesma paixão que o encaminhou à conversão. E mesmo em suas obras mais teóricas é possível notar essa marca pungente da imaginação. Tal maneira de encarar a fé o ligou, de maneira indelével, às figuras extraordinárias de seus mentores (tais como George MacDonald e G. K. Chesterton), e de seus amigos (como J. R. R. Tolkien e Dorothy L. Sayers), expoentes e defensores dos Contos de Fadas. Lewis, inclusive, diz que ainda nos tempos de ateísmo teve sua imaginação *batizada* pela leitura de MacDonald<sup>3</sup>.

Além de autor de obras teológico-filosóficas importantes – tais como *O problema do sofrimento* e *A abolição do Homem* – foi um notável escritor de histórias de *Fantasia*, dentre as quais se destaca a série infanto-juvenil *As Crônicas de Nárnia* (escrita entre 1949 e 1954), sucesso absoluto do gênero, com mais de 100 milhões de cópias vendidas, e traduzida para mais de 40 idiomas.

---

<sup>1</sup> Paulo Cruz é mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Produz análises cinematográficas e outras reflexões no blog *Esperando as Musas* ([esperandoasmusas.wordpress.com](http://esperandoasmusas.wordpress.com)).

<sup>2</sup> Disponível em: <http://cslewis.drzeus.net/papers/dullthings.html> (tradução nossa. Acesso em 08/07/2014).

<sup>3</sup> “Na profundeza das minhas ignomínias, na então inabalável ignorância do meu intelecto, tudo isso me foi dado sem questionamento, sem consentimento até. Naquela noite minha imaginação foi, num certo sentido, batizada; o restante de mim, não sem razão, demorou mais tempo”. (LEWIS, 1998, p. 186).

No entanto, antes de escrever as *Crônicas*, Lewis se viu diante dos eventos que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Após sua curta participação como soldado na Primeira Grande Guerra – fora ferido poucos meses depois de ser deslocado para a França, em Novembro de 1917 –, Lewis sabia muito bem quais horrores uma guerra poderia produzir. Mais do que isso, percebia que a influência muito sutil de certo Evolucionismo e Darwinismo Social começava a povoar o imaginário das pessoas comuns, e que esse fato, certamente, contribuía para dar crédito à aura cientificista que se iniciara na metade do séc. XIX, e encontrara seu correspondente imaginativo na obra de autores como H. G. Wells, Olaf Stapledon, Bernard Shaw etc., grandes homens da literatura de ficção científica daqueles tempos. Lewis fora leitor voraz de Wells em sua infância, e afirma que o fascínio por outros planetas exercia sobre ele um sentimento arrebatador, semelhante à luxúria<sup>4</sup>.

Em 1937, ele e seu amigo J. R. R. Tolkien – autor da saga *O Senhor dos Anéis* – julgaram, numa conversa informal, haver muito pouco do que eles realmente gostavam nas histórias de ficção científica, e decidiram fazer uma aposta: cada um deveria tentar escrever uma história do gênero. Tolkien escreveria uma “viagem no tempo”, e Lewis uma “viagem no espaço”. Dessa aposta surgiu *Além do Planeta Silencioso* (*Out of Silent Planet*), primeiro volume daquela que seria conhecida como a *Trilogia Cósmica* (ou *Trilogia Espacial* ou *Trilogia de Ransom*), de Lewis. O livro de Tolkien – conhecido como *A estrada perdida* – nunca foi terminado<sup>5</sup>. A trilogia está dividida em: *Além do Planeta Silencioso* (*Out of Silent Planet*), *Perelandra* (*Perelandra*) e *Uma força medonha* (*That hideous strength*), publicados em 1938, 1943 e 1945, respectivamente. Lewis nos conta que escrever esses livros foi um exercício não tanto de satisfação daquela sua arrebatadora curiosidade por “outros mundos” mas o seu exorcismo<sup>6</sup>.

Costuma-se dividir a Trilogia por tema: *Além do Planeta Silencioso* como uma viagem cósmica; *Perelandra* como uma fantasia edênica, e *Essa força medonha* como uma sátira à Academia moderna<sup>7</sup>. E é exatamente em seu primeiro livro que se encontra a crítica mais contundente ao cientificismo de Wells. Numa carta a seu amigo e biógrafo Roger Lancelyn Green, escreve:

O que imediatamente me estimulou a escrever foi o livro *Primeiros e Últimos Homens* [1930], de Olaf Stapledon, e o ensaio de J. B. S. Haldane chamado *Mundos Possíveis* [1927], os quais pareciam levar a sério a ideia desse tipo de viagem e ter a perspectiva desesperadamente imoral que eu tentei ridicularizar em Weston. Eu gosto de pensar toda ideia inter-planetária como uma *mitologia* e simplesmente queria trazer para o meu ponto de vista (cristão) o que, até agora, tem sido usado pelo lado oposto<sup>8</sup>.

Curiosamente, um dos amigos de Lewis em Oxford cunhou, para definir essa onda cientificista que assolava a Inglaterra de seus dias, um neologismo diretamente

---

<sup>4</sup> “A ideia de outros planetas exercia sobre mim uma atração peculiar e inebriante, bem diferente de quaisquer outros dos meus interesses literários. [...] O interesse, quando me vinham as crises, era arrebatador, como a luxúria.” (Ibid., p. 42).

<sup>5</sup> Cf.: CARPENTER, 1981, Kindle Edition, pos. 727.

<sup>6</sup> Cf.: LEWIS, op. cit., p. 42.

<sup>7</sup> Cf.: DOWNING, 1992, pp. 5-6.

<sup>8</sup> GREEN, HOOPER, 1975, p. 163, apud DOWNING, op. cit., pp. 36-37, tradução nossa.

ligado a H. G. Wells: *Wellsianity*. Em duas ocasiões<sup>9</sup> Lewis se refere a esse termo para falar da perspectiva científica darwinista de Wells e sua grande influência na imaginação dos leitores de suas obras.

Wells também era um conhecido membro da Sociedade Fabiana – um movimento socialista britânico nascido no final do século XIX, que tinha como proposta a elevação da classe operária para torná-la apta a assumir o controle dos meios de produção – e escreveu livros sobre a Nova Ordem Mundial, como o famoso *The Open Conspiracy*<sup>10</sup>. Lewis, em carta a seu amigo de infância Arthur Greeves, diz lamentar que “Wells tenha vendido sua primogenitura por um ‘prato de mensagem’”<sup>11</sup>.

Em *Além do Planeta Silencioso* Lewis faz, ao mesmo tempo, uma homenagem a Wells, pela grande influência que este exercera em sua imaginação juvenil, e fornece uma resposta crítica à sua visão de mundo, numa brilhante inversão de paradigma. Há, inclusive, referências diretas ao livro *Os primeiros homens da Lua* (1901)<sup>12</sup>. A nota inicial do livro diz:

Observações depreciativas a histórias anteriores desse gênero aparecem neste livro meramente para fins dramáticos. O autor lamentaria se algum leitor o imaginasse tolo demais para apreciar as fantasias do senhor H. G. Wells ou ingrato demais para não reconhecer tudo o que ele deve a elas.<sup>13</sup>

*Além do Planeta Silencioso* conta a história de Elwin Ransom – protagonista de toda a *Trilogia* –, um filólogo (em homenagem a Tolkien), e sua viagem ao planeta *Malacandra*. Ransom está fazendo uma viagem a pé quando encontra uma senhora e resolve perguntá-la sobre um local onde pudesse pernoitar. A mulher diz que não tinha nada por perto, mas aproveita para falar de seu filho Harry, que trabalhava numa fazenda próxima dali, mas ainda não voltara de lá – e isso a estava preocupando, pois já deveria estar em casa. Ransom, então, promete tentar descobrir o que estava acontecendo (e conseguir um local para descansar).

Chegando à propriedade, viu que o portão estava trancado e havia uma sebe que servia de muro. Decidiu, por conta da promessa feita à mulher, entrar por um vão embaixo do portão. Ao entrar, logo ouviu vozes, e, aproximando-se, viu que se tratava de uma briga entre três homens; um deles, visivelmente mais jovem, parecia ser Harry. Interveio na confusão com um tímido “Ei! Ora essa...”<sup>14</sup> e os homens tiveram um sobressalto. Irritado, um deles pergunta: “Posso perguntar quem é você e o que está fazendo aqui?”<sup>15</sup> Ransom se apresenta e é reconhecido por um dos homens, que fora seu colega de faculdade. O dono da propriedade chamava-se Edward Weston, um

---

<sup>9</sup> Cf.: LEWIS, C. S.. “Teologia é Poesia”. In: \_\_\_\_\_. *O Peso de Glória*. São Paulo: Vida, 2008; LEWIS, C. S.. “The Funeral of a Great Myth”. In: *Christian Reflections*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1967.

<sup>10</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Open\\_Conspiracy](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Open_Conspiracy) (Acesso em 11/07/2014).

<sup>11</sup> Cf.: GREEN, HOOPER, 1975, p. 164, apud DOWNING, op. cit., p. 124).

<sup>12</sup> Lewis reconheceu seu débito para com Wells, e ao lermos *Além do Planeta Silencioso*, somos frequentemente atingidos por suas semelhanças com *Primeiros Homens na Lua*. Ambas as histórias retratam um físico determinado que constrói uma nave espacial esférica em seu quintal, acompanhado por um homem mais jovem em busca de ouro interplanetário; ambas as naves fazem uso de um enigmático dispositivo anti-gravidade; tanto um quanto outro mencionam o tilintar de meteoritos sobre o casco da nave e as venezianas de aço utilizadas para a luz do sol intensa; Ambos mostram terraços cheios de temores sobre mundos alienígenas que, numa audiência com o espírito guardião, descobrem que eles é que representam um perigo para as outras espécies. (DOWNING, op. cit., p. 124, tradução nossa).

<sup>13</sup> LEWIS, 2010, nota.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 08.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 08.

cientista; o outro chamava-se Dick Devine (o antigo colega de Ransom). Após uma conversa um tanto confusa, os dois resolvem soltar Harry, mas – numa atitude um tanto sinistra – convidam Ransom para ficar. Mesmo estranhando um pouco, ele entra. Oferecem-lhe uma bebida. Ransom bebe, sente-se tonto, desmaia e acorda no que descobre ser uma nave espacial (esférica, como a de Wells em *Os primeiros homens da lua*).

Neste ponto já é possível perceber a índole maldosa, *diabólica*, dos raptos de Ransom, característica que Lewis deixa transparecer nos vilões da *Trilogia*. Note-se que não se trata somente de uma maldade ética ou social, mas teológica. Tais personagens abusam das imprecações blasfematórias e revelam uma mentalidade claramente maligna. Downing esclarece que “Essas personagens revelam em seu discurso um estado de espírito que demonstra que Screwtape [o demônio mais velho de *Cartas de um diabo a seu aprendiz*] os tem exatamente onde quer que estejam”<sup>16</sup>.

Weston revela a Ransom que eles estão a caminho de Malacandra – planeta cujo nome, diz a Ransom, descobriu pelo próprios habitantes, evidenciando que estivera lá anteriormente. Não diz qual o motivo da viagem, mas deixa claro que seus objetivos visam algo muito maior: “salvar a humanidade”:

Na realidade, admito que tivemos de infringir alguns direitos seus. Minha única defesa é que os fins justificam os meios. Ao que nos seja dado saber, estamos fazendo o que nunca foi feito na história do homem, talvez na história do universo. Aprendemos a saltar do cisco de matéria no qual nossa espécie surgiu. O infinito e, portanto, talvez a eternidade, está sendo posto nas mãos da espécie humana. Você pode ser tão mesquinho a ponto de pensar que os direitos ou a vida de um indivíduo ou de um milhão de indivíduos tenham a menor importância em comparação com isso<sup>17</sup>.

Tal aparente superioridade apregoada por Weston é, em *Além do Planeta Silencioso*, claramente uma inversão na filosofia de H. G. Wells presente em outro de seus best-sellers: *A Guerra dos Mundos*. A começar pelo fato de serem os terráqueos a invadir um outro planeta, e não o contrário. O darwinismo social de Wells transmite uma ideia de progresso e evolução totalmente materialista e cientificista; é a Wellsianidade [*Wellsianity*]<sup>18</sup> criticada por Lewis.

Outra curiosa inversão que Lewis faz na filosofia cientificista está no espanto que Ransom tem ao ver o Espaço, que, ao contrário do que sempre lera e imaginara, não era vazio e monótono, mas cheio de “vida”<sup>19</sup>.

Vale lembrar que Lewis não era contra ciência *em si*, mas contra a sua supervalorização, como se tal perspectiva, baseada no culto à racionalidade, desenvolvimentista e reducionista, pudesse resolver todos os problemas da humanidade – pretensão que, em certo sentido, perdura até os dias de hoje. Essa

---

<sup>16</sup> DOWNING, op. cit., p. 85, tradução nossa.

<sup>17</sup> LEWIS, op. cit., p.30.

<sup>18</sup> Cf.: <http://apilgriminnarnia.com/2012/06/20/space/> (Acesso em 10/07/2014).

<sup>19</sup> [...] com a passagem do tempo, Ransom foi se conscientizando de outra causa mais espiritual para essa progressiva leveza e exultação do coração. Ele estava se livrando de um pesadelo, há muito tempo gerado na mente moderna pela mitologia que segue na esteira da ciência. Ransom tinha lido sobre o “Espaço”: há anos, ocultava-se no fundo do seu pensamento a lúgubre fantasia do vácuo negro e frio, da total ausência de vida, que supostamente separava os mundos. Até agora, não sabia quanto essa ideia o afetava – agora que o próprio nome “Espaço” parecia uma blasfêmia caluniosa, diante do oceano empíreo de radiação no qual eles nadavam. Não poderia chamá-lo de “morto”; sentia que a vida se derramava do oceano para dentro dele a todo instante. (LEWIS, op. cit., p. 38).

exacerbação dos domínios da *ciência* será alvo de críticas de Lewis também em sua obra *A abolição do homem* (1943), um ensaio sobre Educação e Moral Natural que investe categoricamente contra a perspectiva racionalista do progresso com uma frase lapidar: “a conquista do Homem sobre a Natureza revela-se, no momento de sua consumação, a conquista da Natureza sobre o Homem”<sup>20</sup>. Como nos diz Alister McGrath: “Lewis temia que os triunfos da ciência pudessem correr mais rápido do que os indispensáveis avanços éticos que forneciam o conhecimento, a disciplina e a virtude de que a ciência precisava”<sup>21</sup>.

Ao chegarem em *Malacandra* – que, posteriormente, descobrirá se tratar do planeta Marte (a Terra era chamada por eles de *Thulcandra*, o Planeta Silencioso) –, Ransom consegue fugir de Weston e Devine em meio a uma confusão entre os terráqueos e algumas criaturas malacandrianas que encontram, os *sorns*, mesmo sem saber ainda por qual motivo fora capturado. Depois de correr muito, Ransom tem o primeiro deslumbramento de estar a milhões de quilômetros de casa: o planeta parece mais convidativo que amedrontador. Toma contato com a estranha vegetação do local, bebe água e come de um não menos estranho fruto, que o sacia imediatamente. Anda mais um pouco e encontra uma criatura (parecida com uma doninha gigante) num pequeno barco: um *hross*. Consegue estabelecer contato, utilizando todos os seus dotes de filólogo, e percebe que a criatura é bastante amigável. É levado à aldeia dos *hrossa* e lá permanece por um longo tempo. Não só aprende a língua daquelas estranhas (e afetuosas) criaturas, como se dá conta de que são portadoras de uma moralidade bastante elevada e de uma religião curiosíssima.

Quando revela aos *hrossa* que não estava só, que fora trazido por outros dois homens *tortos* (o equivalente a *mau* em malacandriano),

os *hrossa* acharam tudo isso muito difícil, mas por fim todos concordaram que ele deveria ir ver o Oyarsa. Oyarsa o protegeria. Ransom perguntou quem era Oyarsa. Devagar e com muitos erros de interpretação, ele extraiu a informação de que Oyarsa (1) morava em Meldilorn; (2) sabia tudo e governava todos; (3) sempre existiu; (4) não era um *hross*, nem era um dos *séroni*. E então Ransom, seguindo um palpite seu, perguntou se Oyarsa tinha criado o mundo. Os *hrossa* quase latiram com o fervor da negativa que deram. Os habitantes de Thulcandra não sabiam que Maleldil, o Jovem, criara e ainda governava o mundo? Até uma criança sabia isso<sup>22</sup>.

Surpreendeu-se ainda mais ao saber que existiam outros seres, de natureza sutil, chamados *eldila*, semelhante aos anjos do Cristianismo. E também os *pfifltriggi*, mineradores hábeis para trabalhar com o *arbol hru*, “sangue do Sol” – ouro, o que fez Ransom entender o interesse de Devine por Malacandra, já que o de Weston era “científico”.

Por fim Ransom descobre, para seu completo espanto, que essa variedade de seres de Malacandra – *hrossa*, *sorns* e *pfifltriggi*, cujo coletivo era conhecido como *hnau*, que Ransom intuiu ser semelhante ao termo *criatura* (havia uma dúvida se os *eldila* eram *hnau*) – viviam em perfeita harmonia e paz, governadas por um *Oyarsa*, uma *inteligência tutelar* guardiã de todo o planeta. Eram *hnau* criados por *Maleldil*, e importava a eles permanecerem como este os criara. A prudência dos malacandrianos

---

<sup>20</sup> LEWIS, 2005, p. 64.

<sup>21</sup> McGRATH, 2013, p. 249.

<sup>22</sup> LEWIS, op. cit., p. 90.

fica muito evidente numa conversa que Ransom tem com Hyoi, seu amigo hrossa, enquanto preparavam seu barco<sup>23</sup>.

Na audiência posterior com o Oyarsa de Malacandra, descobre que o nosso mundo também possui um Oyarsa, mas este se tornou *Torto* e fora expulso da presença de Maleldil<sup>24</sup>. Depois, o Oyarsa malacandriano pede a Ransom que lhe conte mais especificamente sobre o que Maleldil fez a Thulcandra (aparentemente ele tinha apenas informações gerais). E após Ransom contar a história (que Lewis não narra, mas deixa entender que é a História da Redenção Cristã), o *Grande Eldil* diz: “Você me revelou mais coisas assombrosas do que é conhecido em todo os céus”<sup>25</sup>.

A semelhança com a doutrina cristã não é mera coincidência. Porém, não é uma semelhança, digamos, ortodoxa. A abordagem que Lewis faz é imaginativa, permitindo-se alterações para adequá-las à sua narrativa<sup>26</sup>. Não é exatamente uma alegoria, mas um modo de, como ele mesmo disse, “imaginar em voz alta [...] o que Deus poderia ter feito em outros mundos”<sup>27</sup>.

Quando ocorre o tão temido reencontro com Weston e Devine, Ransom está com Hyoi e este é assassinado por Weston, que lhe “jogou a morte de longe” – ou seja, atirou (as armas de fogo não eram conhecidas em Malacandra). Ransom foge e é orientado por outro hrossa a ir, imediatamente, ao encontro do Oyarsa. Já em presença do *Grande Eldil*, Ransom tem esclarecida sua ida a Malacandra: fora chamado. O Oyarsa tentara contato amigável com Weston e Devine quando estes estiveram pela primeira viagem em Malacandra, e enviou alguns sorns ao encontro dos “tortos”. Sem sucesso, pediu aos sorns que lhes dissessem que não seria permitido pegar “sangue do Sol” (estavam pegando ouro onde quer que encontrassem) enquanto não trouxessem alguém com quem pudesse conversar. Ou seja, a ida de Ransom foi arquitetada pelo próprio Oyarsa de Malacandra<sup>28</sup>.

---

<sup>23</sup> A natureza bélica dos preparativos sugeriu muitas perguntas a Ransom. Ele não conhecia uma palavra para “guerra”, mas conseguiu fazer com que Hyoi entendesse o que queria saber. *Os séroni, os hrossa e os pffltriggi* saiam em expedições daquele tipo, uns contra os outros?

– Para que? – perguntou Hyoi.

Foi difícil explicar.

– Se duas espécies quisessem a mesma coisa, e nenhuma cedesse – disse Ransom –, uma delas não acabaria recorrendo à força, dizendo “tratem de nos dar ou mataremos vocês”?

– Que tipo de coisa?

– Bem, comida, talvez.

– Se outro hnau quisesse comida, por que nós não a daríamos? Com frequência é o que fazemos.

– Mas e se não tivéssemos o suficiente para nós mesmos?

– Mas Maleldil não para de fazer crescer as plantas. (LEWIS, *Ibid.*, p. 96).

<sup>24</sup> No passado, nós conhecíamos o Oyarsa do seu mundo... ele era mais brilhante e maior do que eu... e naquela época não a chamávamos de Thulcandra. É a história mais longa e mais amarga de todas. Ele se tornou torto. Isso ocorreu antes que qualquer tipo de vida surgisse no seu mundo. Aqueles foram os Anos Tortos, dos quais ainda falamos nos céus, quando ele ainda não estava preso a Thulcandra, mas livre como nós. Sua intenção era estragar outros mundos além do seu. Ele atingiu sua lua com a mão esquerda e, com a direita, trouxe a morte pelo frio à minha *harandra* [montes] antes do tempo. Se por meu braço Maleldil não aberto as *handramits* [vales] e deixado fluir as fontes termais, meu mundo teria sido despovoado. Não o deixamos à solta por muito tempo. Houve uma guerra tremenda, e nós o expulsamos dos céus e o prendemos no ar de seu próprio mundo, como Maleldil nos ensinou. Lá ele sem dúvida permanece até agora, e nada mais sabemos daquele planeta: ele é silencioso. (LEWIS, *Ibid.*, pp. 164-165).

<sup>25</sup> Cf.: LEWIS, *Ibid.*, p. 194.

<sup>26</sup> Isso é certamente assunto de ficção científica. Também é teologia cristã, embora com um tom distintamente medieval. Em resposta a questionamentos sobre o simbolismo da Trilogia, Lewis explicou, sem rodeios, que Maleldil, o Velho e o Jovem representam o Pai e o Filho da teologia cristã, que os eldils representam os anjos e o Torto era Satanás (DOWNING, *op. cit.*, pp. 40-41. Tradução nossa).

<sup>27</sup> Cf.: LEWIS, 1966, apud DOWNING, *Ibid.*, pg. 41.

<sup>28</sup> Cf.: LEWIS, *op. cit.*, pp. 166-167.

Quando Ransom esclarece que Devine estava interessado em ouro, e Weston na dominação de Malacandra e extermínio dos *hnau* para a expansão dos domínios terrestres, a pergunta do Oyarsa é uma clara ironia à ideia de dominação interplanetária presente nos livros de H. G. Wells: “Eles têm alguma lesão no cérebro?”<sup>29</sup>. E toda a explicação de Ransom é recebida pelo Oyarsa com um misto de surpresa e desprezo.

Por fim, quando os dois “tortos” são trazidos à presença do Oyarsa, dá-se a cena mais irônica de *Além do Planeta Silencioso*. Primeiro porque Weston e Devine não entendem de onde sai a voz do *Grande Eldil*, pois não o veem; e como racionalistas ateus, duvidam de sua autenticidade:

– Por que vocês mataram os meus *hnau*?

Weston e Devine olharam ansiosos ao redor para identificar quem estava falando.

– Meu Deus! – exclamou Devine em inglês. – Não me diga que eles têm um alto-falante?

– Ventriloquia – retrucou Weston, num sussurro rouco. – Bastante comum entre selvagens. O feiticeiro ou curandeiro finge entrar em transe e lança a voz. O que temos que fazer é identificar o curandeiro e dirigir nossos comentários a *ele*, não importa de onde a voz pareça estar vindo. Isso destrói sua coragem e mostra que você detectou a tramóia. Você está vendo algum selvagem em transe? Com mil demônios, já o vi!<sup>30</sup>

Outra curiosa ironia é a conversa entre os “tortos” e o Oyarsa, que tem de ser traduzida por Ransom, pois o conhecimento de Weston da língua malacandriana era bastante rudimentar (no texto, foi “traduzida” num inglês cheio de erros gramaticais por Lewis). Inclusive, o discurso arrogante e grandiloquente de Weston foi amenizado por Ransom:

– [...] Você *dar* muito sangue do Sol para nós, nós *voltar* para o céu. Você nunca mais *ver nós*. Certo?

– Silêncio – disse Oyarsa. Houve uma alteração quase imperceptível na luz, se é que ela poderia ser chamada de luz, de onde a voz provinha. Devine se encolheu todo e caiu. Quando retomou sua posição, sentado, estava branco e ofegante.

– Prossiga – disse Oyarsa a Weston.

– *Mim*, não... não... – começou Weston em malacandriano e então desistiu de tentar. – Não consigo dizer o que quer nessa língua maldita – disse em inglês.

– Fale com Ransom e ele traduzirá para nossa língua – disse Oyarsa.<sup>31</sup>

O que se segue é absolutamente emblemático. Weston declara todo seu cientificismo prepotente e retrógrado – apesar de Malacandra ser um mundo aparentemente primitivo no que se referia à tecnologia, eram muito mais avançados moralmente:

– Para você posso parecer um ladrão vulgar, mas carrego nos ombros o destino da espécie humana. Sua vida tribal, com armas da Idade da

---

<sup>29</sup> Cf. LEWIS, *Ibid.*, pp. 167-168.

<sup>30</sup> LEWIS, *Ibid.* p. 172.

<sup>31</sup> LEWIS, *Ibid.* pp. 183-184.

Pedra e cabanas semelhantes a colmeias, seus barquinhos primitivos e sua estrutura social elementar, não têm nada que se compare com nossa civilização: com nossa ciência, nossa medicina e nosso Direito, nossos exércitos, nossa arquitetura, nosso comércio e nosso sistema de transporte, que está rapidamente ultrapassando os obstáculos de espaço e tempo. Nosso direito de sobrepujá-los é o direito do superior sobre o inferior. A vida...<sup>32</sup>

Então Ransom traduz para o malacandriano, fazendo as adequações necessárias e amenizando o tom de pretensa superioridade tanto quanto possível. Continua Weston:

– A vida é maior que qualquer sistema de moralidade. Suas exigências são absolutas. Não é com tabus tribais e máximas banais que ela seguiu seu curso implacável da ameba ao homem e do homem à civilização.

E depois de mais algumas declarações seu discurso termina, num tom claramente triunfalista:

– Posso cair, mas enquanto eu viver, não consentirei, com um chave dessas nas mãos, em fechar os portões do futuro para os da minha espécie. O que o futuro nos reserva, para além do nosso conhecimento atual, é inconcebível para a imaginação. Basta, para mim, que haja um Além”.<sup>33</sup>

A resposta de Oyarsa não poderia começar melhor: “– Foi bom ouvi-lo. Pois, embora sua mente seja mais fraca, sua vontade é menos torta do que eu pensava. Não é para si mesmo que você faria tudo isso”.<sup>34</sup>

E após alguma discussão sobre as motivações de Weston, Oyarsa declara:

– Agora vejo como o senhor do mundo silencioso modificou você. Existem leis conhecidas por todos os *hnau*, leis de piedade, justiça, vergonha etc., e uma destas é o amor aos seus semelhantes. Ele ensinou você a desobedecer a todas elas, exceto esta última, que não é uma das maiores. Ele deturpou-a de tal maneira que a transformou em loucura e tomou conta de seu cérebro onde governa tudo como se fosse um pequenino Oyarsa cego. Nada mais lhe resta senão obedecê-la; apesar disto, se lhe perguntarmos porque ela é uma lei, você não poderá dar uma razão diferente da que faz as outras serem leis; estas, no entanto, embora maiores que ela, são desobedecidas<sup>35</sup>.

É evidente que Weston não acredita em nada do que ouve, mas ouve algo que o exaspera completamente:

– Você não pergunta por que meu povo, cujo mundo é velho, não foi para o seu e apoderou-se dele há muito tempo?

---

<sup>32</sup> LEWIS, *Ibid.* p. 184.

<sup>33</sup> LEWIS, *Ibid.* pp. 185, 187.

<sup>34</sup> LEWIS, *Ibid.* p. 188.

<sup>35</sup> LEWIS, *Ibid.* p. 189.



– Ho! Ho! – disse Weston. Vocês não *saber* como fazer.

– Você está errado – disse Oyarsa. Há milhares de anos atrás, quando ainda não existia vida em seu mundo, a morte gelada estava invadindo meu *harandra*. Neste tempo eu estava muito preocupado, não tanto com a morte dos meus *hnau*, pois Maleldil não lhes deu vida muito longa, mas com os pensamentos que o senhor do seu mundo, que ainda não estava preso, botara em suas cabeças. O Oyarsa Mau teria feito com que eles fossem como vocês são agora, bastante sábios para perceber a aproximação do fim de sua espécie, mas não para suportá-lo. Conselheiros errados teriam logo surgido entre eles. Eram perfeitamente capazes de construir naves de espaço. Maleldil, porém, fez com que parassem, através de minha pessoa. Curei alguns, desencarnei outros...

– Agora *ver* resultado! interrompeu Weston. Vocês muito poucos agora presos à *handramit*, logo *morrer* todos.

– Sim, disse Oyarsa, mas há uma coisa que abandonamos de vez na *harandra*: o medo. E com o medo, o assassinato e a rebelião. O mais fraco entre todo o meu povo não tem medo da morte. É o Espírito Mau de seu mundo que estraga suas vidas fazendo com que procurem fugir daquilo que no fim a todos alcançará. **Se vocês fossem súditos de Maleldil teriam paz**<sup>36</sup>.

O desfecho dessa audiência é a expulsão dos terráqueos. Oyarsa mesmo se encarrega de enviá-los de volta à Terra em sua nave danificada. Faz uma proposta a Ransom de que ele poderia ficar se quisesse; o que ele, humildemente, nega.

Por fim, ao término do livro percebemos bem o que C. S. Lewis pretendia combater. *Além do Planeta Silencioso* é um livro escrito com muita delicadeza, e Lewis utiliza toda sua capacidade, bem como sua grande apreciação por histórias de ficção científica, para nos brindar com uma história cuja criatividade imaginativa só encontra paralelo n’O Senhor dos Anéis, de seu amigo Tolkien.

### Referências bibliográficas

- CARPENTER, Humphrey. *A Cartas de J. R. R. Tolkien*. São Paulo: Arte e Letra, 1981, Kindle Edition.
- DOWNING, David. *C. S. Lewis — o mais relutante dos convertidos*. São Paulo: Vida, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Planets in peril — A critical study of C. S. Lewis’s Ransom trilogy*. Massachusetts: University of Massachusetts, 1992.
- LEWIS, C. S. *A Abolição do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Além do Planeta Silencioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O Peso de Glória*. São Paulo: Vida, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Surpreendido pela Alegria*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.
- MCGRATH, Alister. *A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

<sup>36</sup> LEWIS, Ibid. pp. 190-191 (Grifo nosso).

## SITES

***Making the Poor Best of Dull Things: C. S. Lewis as Poet.*** in: <http://cslewis.drzeus.net/papers/dullthings.html> (acesso em 08/07/2014).

***There is No Such Thing As Space.*** In: <http://apilgriminnarnia.com/2012/06/20/space/> (Acesso em 10/07/2014).

***The War of the Worldviews: H.G. Wells vs. C.S. Lewis.*** In: <http://apilgriminnarnia.com/2012/08/28/warofworldviews1/>

Recebido para publicação em 17-08-14; aceito em 15-09-14